

## De Comunismo ou Civilização a Robin Goodfellow

Este texto resume brevemente alguns momentos da evolução do grupo de militantes comunistas reunidos inicialmente na revista *Communisme ou Civilisation* (CouC - Comunismo e Civilização), cujo primeiro número em francês apareceu em 1976, até o surgimento de *Robin Goodfellow* (a “velha toupeira” de Marx), pseudônimo coletivo que atualmente os identifica, através das publicações em língua portuguesa.

O balanço político que fundamenta a extinção de CouC, cujo último número publicado (em língua francesa) foi no nº 14 da *Revue Internationale du Mouvement Communiste* (RIMC – Revista Internacional do Movimento Comunista) de abril de 1998, encontra-se no texto “O Fim de um Ciclo”, publicado no mesmo número e recentemente divulgado em língua portuguesa como texto à parte no sítio Internet de Robin Goodfellow (RG).<sup>1</sup> O texto que segue não irá reproduzir toda a argumentação de “O Fim de um Ciclo”, mas procura retrazar alguns aspectos daquela evolução nas edições em português de CouC e no conteúdo atual do sítio de RG.

O número 1 da revista CouC em português foi publicado em 1981. Na apresentação do número, esclarece-se sua filiação como herdeira de uma sólida tradição comunista cuja missão é transmitir integralmente o programa comunista às gerações futuras, para preparar o assalto revolucionário da classe proletária na próxima revolução. Para cumprir essa missão, CouC estabeleceu como meta o “retorno a Marx”<sup>2</sup>, o ponto mais alto do socialismo científico, e, ao mesmo tempo, criticando duramente um espectro de expressões do movimento revolucionário, tais como CCI – Corrente Comunista Internacional, PCI – Programa Comunista, PI – Perspectiva Internacionalista, BIPR – Birô Internacional para o Partido Revolucionário, CWO – *Communist Workers Organisation*/Organização de Trabalhadores Comunistas, procurou fundamentar teoricamente um conjunto de posições políticas que demarcam o movimento revolucionário das correntes social-democratas ou esquerdistas.

O primeiro número não é uma tradução do nº 1 de CouC em francês. Ele foi concebido para expressar a citada demarcação política especialmente no Brasil e em Portugal, bem como no restante da América Latina. Fornecia um quadro de referência: das posições fundamentais da teoria comunista como única teoria que permite a emancipação da espécie humana; dos pontos nodais de ascensão e de descenso do “fio vermelho” do movimento comunista desde as origens até a vitória completa da contra-revolução em 1928; da Esquerda Comunista da Itália, a corrente que mais resolutamente assegurou a continuidade do programa comunista desde a derrota da IIIª Internacional. O texto foi elaborado utilizando-se de alguns trechos de números já publicados de CouC em francês e de *Invariance* nº 6 (antiga série - 1969), e beneficiando-se da maior maturidade teórica do grupo de militantes adquirida no seu caminho de ida até Marx e Engels através da edição, até a época, de 10 números da revista em francês.

O número 2, publicado em 1982, é a tradução, com algumas adaptações, do nº 11 de CouC em francês (outubro de 1981). Na sua apresentação, retoma tanto o significado de *Invariance* nº 6 na emergência e no plano de trabalho de CouC, como aponta a sua necessária superação no “retorno a Marx”. Mostra também a falha de CouC ao não conseguir publicar de uma só vez no nº 11, como anunciado, o corpo de teses de *Invariance* nº 6 ampliado, completado, atualizado e remanejado, e anuncia a escolha política de continuar publicando parte das teses nas séries sobre a Questão Agrária, a Teoria das Crises, etc. O nº 2 em português contém dois textos: o primeiro, uma tradução integral do texto editado no nº 11 em francês, demonstra a dialética materialista dos conceitos de partido histórico e de partido formal, elaborando o primeiro ponto do corpo de teses de *Invariance*

<sup>1</sup> A referência ao documento, em formato PDF, pode ser encontrada em dois lugares de <http://www.robingoodfellow.info>: nas rubricas “Quem somos nós?” e “Arquivos de Comunismo ou Civilização”.

<sup>2</sup> A fórmula “retorno a Marx” não exclui evidentemente Engels e, definitivamente, não expressa a idéia de que haja uma diferença de pensamento entre Marx e Engels.

nº 6 – Programa, Classe e Partido; o segundo, não editado no nº 11 em francês, é a tradução do texto “Origem e Função da Forma Partido”, publicado originalmente em italiano no jornal *Programma Comunista* nº 13 (1961) e em *Invariance* nº 1 (antiga série). Um aspecto destacado é a razão da data anunciada para a publicação das teses de trabalho: 1981, ano que, conforme previsto no nº 2 de CouC em francês (Maio de 1977)<sup>3</sup>, deveria conhecer o ponto mais baixo da próxima crise do modo de produção capitalista, o que de fato ocorreu, comprovando a teoria comunista do caráter cíclico da crise do capital e de seu encurtamento. A argumentação original que sustenta essa previsão é retomada, numa redação remanejada, no item 6.10 do nº 1 de CouC em português (p. 115-117).

Aqui devemos ressaltar um ponto presente nesses dois números que acabou sendo revisto e elaborado mais tarde em nossa evolução: o conceito de “crise catastrófica”, herdado da esquerda revolucionária em geral. Não iremos tratar dele aqui com o detalhamento necessário que merece – ele está elaborado de forma esparsa ao longo de nossos textos encontrados no sítio de RG -, mas apenas apresentar de modo muito resumido e parcial as conclusões a que chegamos ao longo de nossa trajetória. Nos primeiros números de CouC, tanto em língua francesa como portuguesa, há várias passagens mencionando a espera “DA crise catastrófica”. Durante o percurso do “retorno a Marx”, particularmente à medida que avançavam os trabalhos da série sobre a crise do modo de produção capitalista (MPC)<sup>4</sup>, demonstramos que essa concepção é errada. O MPC engendra um funcionamento cíclico, pontuado pelo retorno, em intervalos regulares, de verdadeiras catástrofes sociais cujos efeitos agravam-se ao longo dos ciclos. Portanto, falar “DA crise catastrófica” é escamotear a teoria científica de Marx e Engels sobre a natureza do capital e de suas crises cíclicas.

O número 3, publicado em 1984, diferentemente dos demais, não contém uma apresentação e reúne num só volume a tradução dos números 5 (outubro de 1978), 7 (outubro de 1979) e 9 (outubro de 1980) da revista em francês. Desenvolve o estudo da periodização do capital segundo os conceitos de fase de submissão real e de fase de submissão formal do trabalho ao capital, divulgados por *Invariance* e apoiados no capítulo inédito do capital (ou o capítulo VI)<sup>5</sup>, analisando a dialética das metamorfoses do capital em vários aspectos de sua esfera material e superestrutura, tais como a produção da mais-valia, a acumulação, a ciência, os sindicatos, o estado e a democracia, o movimento das classes sociais, o mercado mundial e a crise, finalizando com um quadro geral da passagem à sociedade comunista e de sua realização. Nos seus primórdios, CouC herdou uma série de posições de correntes da esquerda que designavam, e ainda continuam designando embora de maneira cada vez mais abastardada, a eclosão da guerra de 1914 e a derrocada da II internacional como um ponto de ruptura entre dois períodos históricos do capital, interpretado em várias formulações segundo as correntes mas sempre de modo não dialético: fase ascendente / fase decadente, fase de concorrência / fase de monopólio, ou mesmo fase formal / fase real. As correntes mais à esquerda, justificando sua análise desse pretensão corte, viam uma mudança nos conceitos próprios ao marxismo sobre as questões nacionais, sindicais, parlamentares e democráticas. Como consequência, as posições de Marx e Engels sobre essas questões deviam ser relativizadas ou mesmo abandonadas.

---

<sup>3</sup> Na página 25 lê-se: “Ora, COMO MARX HAVIA PREVISTO, os ciclos prosseguiram encurtando-se, assim depois da segunda guerra mundial os pontos mais baixos dos ciclos reencontram-se todos os 6 anos e prosseguirão agravando-se (1951, 1957, 1963, 1969, 1975, 1981(?))”.

<sup>4</sup> Os trabalhos sobre a crise, na realidade incompletos, foram publicados nos números 8, 12, 14, 17 e 22 de CouC em francês e nos números 1, 4, 7, 10 e 14 da RIMC também em francês. Não houve publicação deles nos números de CouC e da RIMC em português. Eles foram recentemente reeditados num único volume, que pode ser encontrado no sítio de RG em francês – *Textes Refondus: “La théorie marxiste des crises”*.

<sup>5</sup> O capítulo inédito do capital foi, por exemplo, publicado pela primeira vez na França em 1971.

O resultado dos trabalhos desenvolvidos ao longo de mais de vinte anos desde a publicação do estudo da periodização do capital mostrou-nos a imbecilidade das tentativas de substituir a análise de Marx e Engels por certo ritmo da história que mostraria que suas posições defendidas à época deviam ser abandonadas<sup>6</sup>. Os trabalhos fizeram-nos compreender que a forma moderna do modo de produção capitalista, na qual ele realmente manifesta seu ser, não data de 1914, mas de 1825 com as primeiras grandes crises de superprodução. Conseqüentemente, todas as posições expressas por Marx e Engels a partir de 1848, e mantidas integralmente até suas mortes, devem ser reconduzidas hoje, tomando-se o cuidado de observar as análises táticas estritamente ligadas à conjuntura histórica da época. Por exemplo, um dos pontos em que nossas posições iniciais foram abandonadas diz respeito à forma sindical. Apesar de tentar fornecer uma explicação baseada nos conceitos de fase de submissão formal e fase de submissão real do trabalho ao capital, CouC acabou não superando o quadro teórico colocado por *Invariance* e repetiu o mote da esquerda revolucionária de que a forma sindical é caduca após a eclosão da Iª Guerra Mundial:

“Desde que se realizam as superestruturas próprias à fase de submissão real do trabalho ao capital, o sindicato deixa de ser um órgão proletário e afirma-se como órgão do capital. Todavia, esta integração só pôde se completar através da violenta crise aberta pela primeira guerra mundial.” (CouC em português, p. 102).

Ora, essa é uma posição impregnada pela ideologia da ultra-esquerda, não sendo científica. Há muito tempo CouC começou a ter dúvidas sobre a interpretação da condenação inexorável da forma sindical. Pouco depois da publicação da série sobre a periodização do capital na edição francesa, não publicamos o capítulo sobre os sindicatos na edição inglesa de CouC, embora na edição em português o capítulo foi mantido como tradução do texto original publicado em CouC n° 7<sup>7</sup>. Em suma, e como dito no texto “O Fim de um Ciclo”, CouC merece críticas em vários pontos e o trabalho realizado nesses mais de 30 anos nos mostrou que sempre que andamos no sentido de Marx e Engels fizemos progresso e, inversamente, cada erro de interpretação ou conclusão insuficientemente fundamentada tornou-se nossa confusão.

Com o número 4, publicado em 1985, iniciou-se a edição da série “Breve histórico do movimento da classe proletária na área euro-norte-americana, das origens a nossos dias”. Esta série continuou a ser publicada no n° 5 (1986) e nos textos de CouC nas RIMCs 1, 2 e 3 (1988, 1989 e 1991, respectivamente), em português. Trata-se de traduções dos textos em francês publicados entre maio de 1984 e fevereiro de 1989<sup>8</sup>. Infelizmente, nossas escassas forças não permitiram continuar a publicação da RIMC em português, que parou no seu número 3. A série publicada em francês parou no penúltimo texto da vida de CouC editado no número duplo 12-13 da RIMC (1993/1994)<sup>9</sup>, deixando-a incompleta e avançando na análise da IIª Internacional somente até o Congresso de Stuttgart de 1907. Esse vasto estudo inacabado, ancorado nos fundamentos do socialismo científico, no seu início tinha por objetivo mostrar as posições de Marx e Engels e, ainda influenciado pela

<sup>6</sup> Em breve, será publicada no sítio em português a tradução do texto “A periodização do capital”, na rubrica “Textos refeitos”, uma tradução do texto correspondente em francês disponível no sítio em francês – *Textes Refondus: La périodisation du capital*. O texto terá uma apresentação, à guisa de introdução, mostrando nossa evolução e superação de vários pontos herdados de correntes de ultra-esquerda e conterà uma revisão cuidadosa do n° 3 de CouC em português.

<sup>7</sup> O texto *La périodisation du capital* não contém o capítulo original sobre os sindicatos.

<sup>8</sup> Especificamente nos números de CouC: 16 (maio/1984), 18 (maio/1985), 20 (maio/1986), 23 (Outubro/1987) e no número 2 da RIMC (fevereiro/1989).

<sup>9</sup> Apesar do caráter de breve histórico aludido no título, o número de páginas que acabou sendo publicado em francês chega a 560.

ideologia da ruptura de 1914, buscava mostrar no quê elas eram válidas à sua época e em que bases as discontinuidades podiam se fundamentar. Como também é dito no texto “O Fim de um Ciclo”, essa busca das discontinuidades não se concretizou e, com razão, nunca será atingida, pois, como a compreensão da periodização do capital tornou evidente, a tal ruptura não pode ser fundamentada na análise da base material da sociedade. Assim, à medida que avançávamos mais na direção de Marx e Engels, amadurecendo a compreensão da dialética da periodização do capital e da história do movimento proletário, pudemos tirar algumas lições fundamentais da teoria comunista. Não nos alongaremos aqui sobre elas, mas resumimos brevemente apenas duas delas redigidas em 1992<sup>10</sup>:

- A forma partido e o ciclo revolução/contra-revolução. A organização política do proletariado - o partido formal - não subsiste de maneira permanente. Seu ciclo de vida depende dos avanços e recuos da luta de classes. Quando o proletariado é derrotado, ele perde sua organização política distinta de e oposta a todos os outros partidos da sociedade, devendo dissolvê-la para que não caia nas mãos do inimigo da classe. O que subsiste é o “partido histórico na ampla acepção do termo” (Marx), que pode ou não se individualizar de maneira nítida nas expressões da organização política do proletariado<sup>11</sup>.
- A constituição de partidos operários. A natureza contraditória do MPC coloca em movimento massas proletárias e a ligação necessária do partido histórico com o proletariado efervescente supõe uma tática baseada na ligação íntima com o movimento espontâneo do proletariado. Essa tática consiste em: favorecer a criação de um partido operário em cada país que agrupe a vanguarda do proletariado deste país; agir no interior deste partido para combater as correntes oportunistas ou colaboracionistas; influenciar a elaboração de seus programas para colocá-los em conformidade com os objetivos comunistas; prepará-los para serem verdadeiros partidos de luta cuja existência é voltada à tomada do poder e ao exercício da ditadura do proletariado.

Essas lições, retiradas da melhor compreensão da coerência tática de Marx e Engels exercida em plena forma moderna do MPC, mostram que não há uma ligação metafísica entre o partido histórico e o partido formal. A ligação ocorre, de modo mais ou menos nítido, nos momentos de ascensão da luta de classes quando o proletariado irrompe espontaneamente na necessidade de expressar-se como classe e, portanto, como partido político distinto, como partido operário. Portanto, a formulação herdada da esquerda revolucionária, que influenciou CouC no seu início, de que na próxima revolução, que deverá acontecer “na próxima crise catastrófica” (sic) depois de todas as derrotas sofridas nas 3 internacionais, o proletariado só poderá emergir como partido comunista “puro” é pura ... metafísica!

Em resumo, citando o texto “Fim de um Ciclo”:

“Ao mesmo tempo, nosso grau de ruptura com o meio revolucionário originário da IIIª internacional é cada vez maior. Todas as tentativas de provar uma discontinuidade nos fenômenos históricos, discontinuidade que justificaria modificações dos fundamentos teóricos elaborados por Marx e Engels, fracassaram. O trabalho teórico a ser feito é imenso. Trata-se de analisar um século de desenvolvimento histórico sem o recurso aos artefatos cômodos que se apresentaram no período pós-revolucionário (o dos anos 1920). Para afirmar essa ruptura, é necessário mudar o nome e proclamar o fim de “Comunismo ou Civilização”.

(...) “O trabalho de defesa do programa comunista prosseguirá, portanto, nos anos vindouros, sob a forma da publicação de obras. Desde já 4 temas foram estabelecidos para publicação nos próximos anos.

<sup>10</sup> Para um desenvolvimento mais detalhado desses e de outros pontos, conferir o “Breve histórico...”, introdução ao capítulo 5 – A segunda internacional. Texto de CouC na RIMC n° 11 em francês

<sup>11</sup> Por exemplo, o partido histórico pôde individualizar-se de modo cristalino na Liga dos Comunistas e na AIT, mas não no caso dos partidos formais da IIª e IIIª internacionais, que passaram com armas e bagagens à contra-revolução.

Tratar-se-á, de um lado, de reunir todos os materiais publicados em CouC durante 20 anos e que não estão mais acessíveis (em particular, justamente devido à forma revista). De outro lado, aperfeiçoar esses materiais confrontando-os com o rigor do comunismo científico. Os temas sobre os quais trabalharemos prioritariamente são os seguintes:

- O comunismo e o valor.
- A crítica da filosofia, da ciência e o louvor à dialética.
- História do movimento proletário.
- Questão do Estado e da democracia.”

(...) “Nossos trabalhos, conforme a regra que foi promulgada pela Esquerda, não serão assinados individualmente, pois são fruto de uma coletividade de trabalho anônima que se situa além das gerações. Também não assinaremos com um nome de partido ou de grupo, o que não teria qualquer sentido. Utilizaremos, para nos identificar claramente como militantes comunistas, o pseudônimo coletivo de Robin Goodfellow, a “velha toupeira” de Marx.”

Robin Goodfellow, março de 2009

[www.robingoodfellow.info](http://www.robingoodfellow.info)